

## NOVA GALERIA EM LISBOA

### A viúva e a filha de mestre Almada Negreiros entre as pessoas que assistiram à inauguração da «Grafil»

Abriu a «Grafil». Não é apenas mais uma galeria de arte, destinada à venda de quadros, esculturas e cerâmicas, mas sim uma casa que pretende reabilitar, dentro de premissas técnicas e de rentabilidade, a tradição da gravura. Esta, relegada entre nós para uma posição quase subalterna de subproduto, tem, no entanto, um passado glorioso no nosso país. Se, de início, esteve enfeudada à indústria livreira, depressa se libertou, como atestam as magníficas gravuras dos séculos XVIII e início do XIX. Pouco a pouco, caíram os gravadores na situação difícil que marcou o princípio da técnica

em Portugal. Propõe-se a «Grafil» proporcionar aos artistas condições de trabalho mais adequadas a um escoamento regular da sua produção, mediante uma ampla difusão da gravura em novas camadas de público.

Abriu a «Grafil» com uma exposição colectiva de 14 novos gravadores. Quase não descortinámos, entre eles, nomes consagrados, susceptíveis de chamar público comprador. É, de certo modo, um desafio. Um desafio ao público que permitirá — ou não — o ressurgimento de uma forma de expressão de tão grandes tradições entre nós.



Entre as muitas pessoas que foram à «Grafil», no dia da sua abertura oficial, contavam-se a viúva de mestre Almada — Sarah Alfonso, pintora de reconhecido mérito — e sua filha, a poetisa Paula de Almada Negreiros, respectivamente à esquerda e à direita.



Os pintores Luís Gonçalves e Guilherme Parente e o gravador Rosário.



O eng. José Luís Rebelo e sua filha examinando atentamente o desdobrável de apresentação.



A pintora Lima Cruz e o expositor Man, apreciando os trabalhos patentes.



Humberto Marcos (à esquerda), um dos sócios da galeria, e o gravador Faria e sua mulher.